

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL - UNIJUÍ
DHE - DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOLOGIA**

RUI MARCELO TAUBE HEGELE

**A PROBLEMÁTICA DO CIÚME EM PSICANÁLISE
007 - OPERAÇÃO SKYFALL**

Santa Rosa (RS)
2014

RUI MARCELO TAUBE HEGELE

**A PROBLEMÁTICA DO CIÚME EM PSICANÁLISE
007 - OPERAÇÃO SKYFALL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo. Departamento de Humanidades e Educação – DHE.

Orientadora: Betina Beltrame

Santa Rosa (RS)
2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus pais, *Rubin Hegele e Beatriz Aurora Taube Hegele*.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos os professores que me orientaram durante a graduação, especialmente a minha orientadora, Betina, pelo carinho com que me acolheu. Também agradeço aos colegas que me acompanharam nesta caminhada. Pois, esta conquista não se fez unicamente por mim, ela pertence a todos que estiveram ao meu lado durante estes seis anos de muito estudo e companheirismo.

Obrigado a todos!

CIÚME

*Eu quero levar uma vida moderninha
Deixar minha menininha sair sozinha
Não ser machista e não bancar o possessivo
Ser mais seguro e não ser tão impulsivo
Mas eu me mordo de ciúme
Mas eu me mordo de ciúme
Meu bem me deixa sempre muito a vontade
Ela me diz que é muito bom ter liberdade
Que não há mal nenhum em ter outra amizade
E que brigar por isso é muita crueldade
Mas eu me mordo de ciúme
Mas eu me mordo de ciúme
Eu queria levar uma vida moderninha
Deixar minha menininha sair sozinha
Não ser machista e não bancar o possessivo
Ser mais seguro e não ser tão impulsivo
Mas eu me mordo de ciúme
Mas eu me mordo de ciúme
O ôôô
O ôôô
Mas eu me mordo de ciúme
Mas eu me mordo de ciúme
Ciúme, ciúme
Eu me mordo de ciúme
Eu me mordo, eu me mordo de ciúme
Eu me mordo, eu me rasgo, eu me acabo
Eu falo bobagem, eu falo bobagem, eu dou vexame
Eu faço, eu sigo, eu faço cenas de amor
Ciúme, ciúme, eu me mordo*

RESUMO

O presente trabalho, intitulado *A Problemática do Ciúme em Psicanálise - 007 Operação Skyfall* tem como objetivo se utilizar do cinema com a finalidade de ilustrar a partir de um filme como o ciúme opera nas relações estabelecidas entre os sujeitos nos laços sociais. Para isso apresenta uma contextualização da relação existente entre o cinema e a psicanálise. Na sequência traz um breve relato das cenas 17, 18 e 19 do filme *007 Operação Skyfall*, para apreciar a trama que envolve os três personagens principais: James Bond (007), o vilão Raoul Silva e a chefe do MI6 M, e com isto delinear o tipo de ciúme que está manifesto nestas relações. Faz-se também uma descrição teórica do ciúme sustentada em conceitos da psicanálise de Freud, Lacan e demais autores. Finalmente, relaciona algumas características do ciúme com determinados sentimentos que se manifestam através do discurso dos personagens, como a agressividade dirigida por parte de Silva a M e a 007.

Palavras chave: psicanálise, ciúme, cinema, agressividade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CINEMA E PSICANÁLISE	10
1.1 RELATO DO FILME E DOS PERSONAGENS	13
1.2 DESCRIÇÃO DAS CENAS 17, 18 E 19 DO FILME 007 – OPERAÇÃO SKYFALL	15
2 O CIÚME PELO OLHAR DA PSICANÁLISE	20
2.1 FREUD, O COMPLEXO DE ÉDIPO E O COMPLEXO FRATERNAL ...	26
2.2 LACAN E OS COMPLEXOS FAMILIARES.....	27
3 SILVA, CIÚME E AGRESSIVIDADE	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O percurso feito durante o estágio clínico colocou o acadêmico frente a uma queixa muito frequente no discurso dos pacientes: a dificuldade em lidar com o ciúme que sentiam das pessoas próximas a si. A palavra ciúme deriva do latim clássico *zelus*. Pensa-se que zelar pela pessoa amada é algo positivo. No entanto há casos em que esse zelo é excessivo, causando sofrimento tanto para quem ama quanto para quem é objeto desse amor.

Por sua vez o cinema é capaz de promover discussões a respeito de sentimentos variados, não sendo diferente com o ciúme, o qual é tema em inúmeros filmes. O desejo em compreender como a psicanálise conceitua esse sentimento tão arcaico no sujeito e o fascínio que o cinema ocupa no imaginário das pessoas dá origem a este trabalho de conclusão de curso.

O Cinema e a Psicanálise fazem parte do universo da linguagem, mantendo assim certa proximidade. Sendo pertinente observar que tanto o cinema quanto a psicanálise advém de uma mesma época, o ano de 1895, respectivamente através de Freud e dos irmãos Lumière.

Justamente, por acreditar nessa proximidade que este trabalho de conclusão de curso se propõe a realizar uma pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2010, p. 29) “tradicionalmente essa pesquisa inclui material impresso”. Entretanto, o mesmo autor afirma que atualmente “[...] estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como material disponibilizado pela Internet” (p. 29). Esta pesquisa será baseada na psicanálise, e na relação entre cenas do filme 007 Operação Skyfall e o ciúme, um sentimento muito presente na família e no social.

Inicialmente aborda-se a relação entre cinema e psicanálise bem como, um breve relato do filme em questão, assim como a descrição de algumas cenas (17, 18 e 19) para que seja possível considerar algumas falas das personagens a fim de ilustrar o ciúme entre irmãos.

O ciúme é um sentimento normal. Mas, na verdade não é nada bom dividir o afeto de quem se ama com alguém. O risco da perda causa sofrimento e quando este sentimento é tão intenso a ponto do sujeito apresentar algum transtorno pode-se chamá-lo de patológico.

Em alguns casos o ciúme pode estar ancorado no próprio desejo do sujeito de ser infiel. Há casos mais acentuados de ciúme, em que a pessoa se sente vilmente enganada e abandonada, e este trabalho de conclusão de curso traz como exemplo o personagem Silva, ele começa a citar histórias passadas para comprovar suas suspeitas (no filme Skyfall há a suspeita por parte do personagem Silva, o vilão, de que a personagem M, o teria abandonado).

Também se observa o ciúme no que se refere à posição que a personagem M ocupa na relação entre o vilão Silva e o herói 007, o famoso James Bond. Como se ela ocupasse o imaginário tanto do vilão quanto do herói estando no lugar de mãe para os dois, o que poderia apontar para uma relação de competição e ciúmes entre irmãos.

Na sequência apresenta-se uma contextualização do ciúme pelo enfoque da psicanálise. Conforme Freud observa-se o ciúme em três camadas: competitivo ou normal, projetado e delirante. A partir de Mees (2009) o ciúme é abordado na sua implicação dentro das estruturas histérica e obsessiva.

Os ciumentos vivenciam um sentimento que pode ser normal ou patológico, o que está intimamente relacionado à infância do sujeito. Tudo dependerá para Freud do Complexo de Édipo, no qual se desenrolam as relações com os pais e onde está presente o ciúme natural da mãe (no caso do menino) ou do pai (no caso da menina). Assim como do Complexo de Intrusão como aponta Lacan, onde se coloca a perda do lugar privilegiado de ser único para a mãe devido à chegada de um irmão ou irmã que ficará *pendurado no seio* fazendo com que a criança reproduza o momento do *desmame*.

1 CINEMA E PSICANÁLISE

O evento de um filme pode agregar em si inúmeras imagens metafóricas, ao mesmo tempo em que é capaz de contar a história de uma ou mais personagens. O que remete a uma reflexão no que concerne a importância da conhecida Sétima Arte para a Psicanálise.

Na última década do século XIX nascem concomitantemente o cinema e a psicanálise, o ano é 1895. Freud e Breuer realizam a publicação de “Estudos Sobre a Histeria” e apresentam o método psicanalítico, enquanto ocorrem as primeiras exposições públicas no cinematógrafo dos irmãos Lumière

No texto “Primeiro Cinema”, Costa (2006) expressa que por volta de 1895, o cinema não possuía um identificador próprio. No início o cinema estava misturado a outras formas culturais,

[...] como os espetáculos de lanterna mágica, o teatro popular, os cartuns, as revistas ilustradas e os cartões-postais. Os aparelhos que projetavam filmes apareceram como mais uma curiosidade entre as várias invenções que surgiram no final do século XIX. Esses aparelhos eram exibidos como novidade em demonstrações nos círculos de cientistas, em palestras ilustradas e nas exposições universais, ou misturados a outras formas de diversão popular, tais como circos, parques de diversões, gabinetes de curiosidades e espetáculos de variedades. (COSTA, 2006, p.17).

No entendimento da mesma autora, a história do cinema faz parte de uma história mais ampla, que engloba não apenas a história das práticas de projeção de imagens, mas também a dos divertimentos populares, dos instrumentos óticos e das pesquisas com imagens fotográficas:

Os filmes são uma continuação na tradição das projeções de lanterna mágica, nas quais, já desde o século XVII, um apresentador mostrava ao público imagens coloridas projetadas numa tela, através do foco de luz gerado pela chama de querosene, com acompanhamento de vozes, música e efeitos sonoros. Muitas placas de lanterna mágica possuíam pequenas engrenagens que permitiam movimento nas imagens projetadas. O uso de mais de um foco de luz nas apresentações mais sofisticadas permitia ainda que, com a manipulação dos obturadores, se produzisse o apagar e o surgir de imagens ou sua fusão. (COSTA, 2006, p.17-18).

Costa (2006, p.18), alerta que “o cinema tem sua origem também em práticas de representação visual pictórica, tais como os panoramas e os

dioramas, bem como nos "brinquedos ópticos" do século XIX [...].” Portanto, não existiu um único descobridor do cinema. Os aparatos que a invenção envolve não surgiram de repente num único lugar. Houve uma conjunção de circunstâncias técnicas no final do século XIX, momento no qual vários inventores passaram a mostrar os resultados de suas pesquisas na busca da projeção de imagens em movimento.

No entendimento da mesma autora, o período do primeiro cinema pode ser dividido em duas fases. A primeira é a fase de domínio do "cinema de atrações" e vai de 1894, até 1906-1907. A segunda vai de 1906 até 1913-1915 e é o que se chama de "período de transição", quando os filmes passam gradualmente a se estruturar como um quebra-cabeça narrativo, que o espectador tem de montar.

Costa (2006, p. 26-28) “conceitua o período do cinema de atrações como o momento em que o cinema tem uma estratégia apresentativa, de interpelação direta do espectador, com o objetivo de surpreender.” Nessa fase, os espectadores estão interessados nos filmes mais como um espetáculo visual do que como uma maneira de contar histórias.

No período de transição, a partir de 1907, os filmes começam a utilizar convenções narrativas especificamente cinematográficas, na tentativa de construir enredos autoexplicativos. Há menos ação física e busca-se uma maior definição psicológica nos personagens. Além de tentativas de construir novos códigos narrativos, que pudessem transmitir ao espectador as intenções e motivações dos personagens.

Pensa-se em parâmetros atuais que o entusiasmo da linguagem cinematográfica promove a justaposição com o contexto psicanalítico. Instaura-se uma estatura de veracidade, pois o cinema cria sua própria locução, e até mesmo, restaura valores e identificações, enquanto a psicanálise instiga a plenitude da palavra falada, como uma abertura para anunciar conflitos e traumas que evitam a compreensão da realidade interna.

Em “*Cinema, Imagem e Psicanálise*” Rivera (2008, p. 19) refere que a “*Interpretação dos Sonhos* é a obra que marca o surgimento da psicanálise”. A autora relembra que para Freud o sonho é uma realização disfarçada de um desejo inconsciente, estritamente singular no qual apenas o sonhador pode

refazer, através da associação livre a partir do sonho, os caminhos que o teriam levado à configuração final do sonho:

Quem o interpreta é, rigorosamente falando, o próprio sonhador, tomando-o como enigma que nenhum código fixo dos símbolos dos sonhos — os ainda existentes em dicionários de sonhos — poderia solucionar. Pois as substituições simbólicas que o constroem não são fixas e universais, mas sujeitas a uma combinatória particular e ao mesmo tempo infinita. O que Freud chama “trabalho do sonho” é complexo e múltiplo. Dizer que o filme imita o sonho não fornece ao cinema um modelo de construção de imagens em sucessão; antes, põe em relevo a enorme complexidade em jogo na relação entre sujeito e imagem, seja no sonho, seja no cinema. (RIVERA, 2008, p. 20).

Mesmo assim, a mesma autora expressa que o sonho deve ser considerado um material composto de figuras e palavras que mescla elementos visuais e significantes. Trata-se, no sonho como no cinema, de apresentar figurativamente pensamentos ou ideias abstratas.

Conforme Silva (2014), a sociedade toda tem como termo de uso corrente os termos psicanalíticos, como por exemplo: trauma, conflito, complexo de Édipo, repressão, a angústia. O que o levou a pensar em conversar com as pessoas sobre isto e dar algum conhecimento mais extenso sobre a psicanálise. O inconsciente, por exemplo, que é alguma coisa da maior importância e todo mundo fala sem se dar conta muitas vezes de como isso é importante. Para Silva ainda, a descoberta do inconsciente foi um dos três ataques à onipotência do homem.

O primeiro ataque foi o de Copérnico que descobriu e divulgou que a terra não era o centro do universo, o homem não tinha essa importância toda, a terra era um pequeno planeta num universo enorme e girava em torno do sol. O segundo ataque da onipotência do homem surgiu com Darwin que mostrou que o homem não era aquele ser criado especialmente por Deus a sua imagem e semelhança e sim um projeto de transformação que vinha desde os mamíferos, passava pelo macaco até se transformar no homem. O terceiro ataque a onipotência humana foi o de Freud, ao mostrar que o homem não tem o poder inconsciente sobre si mesmo. Ele tem o poder consciente, mas tem dentro dele uma instância que é o inconsciente e que determina com que ele faça, atue e se dirija a algo que o dirige de dentro sem que ele saiba que está sendo feito isto. Então, este foi o terceiro ataque a onipotência humana.

Silva encontrou uma forma de expressar essa realidade:

Nós começamos a trabalhar com isso através realidade virtual, através do filme, porque o filme mostra o funcionamento da pessoa, a conduta e nós podemos através disso ir pontuando o que está por de trás daquela conduta, daquela realização daqueles medos. Então nos podemos acompanhar os desejos, impulsos e os conflitos que esses desejos e impulsos produzem, podemos acompanhar a angústia gerada por isto, podemos acompanhar que atrás da angústia estão os ressentimentos e a culpa, e também podemos acompanhar como a pessoa se organiza pra lidar com isto. Se organiza de uma maneira possível, se organiza de uma maneira a lutar para ver se consegue o que quer ou se organiza de uma maneira neurótica recorrendo a um modelo infantil ao qual a pessoa se habituou e que vai criar as maiores dificuldades na vida dessa pessoa. Nós aí vamos ter as neuroses, os diversos problemas psicológicos. O cinema mostra isso (2014, comunicação verbal).

A partir desta fala reitera-se que se pode utilizar o cinema como uma fonte inesgotável de pesquisa no campo da psicanálise, pois os personagens oferecem toda uma gama de sentimentos (desejos, impulsos, conflitos, ressentimentos e culpa) acima referidos por Silva.

1.1 RELATO DO FILME E DOS PERSONAGENS

A partir daqui empreende-se um relato sobre a origem do personagem 007 bem como, um resumo do filme *Skyfall* para na sequência do trabalho entrelaçar as relações entre os personagens do filme com a temática da presente pesquisa, o ciúme.

Conforme a Wikipédia, o agente 007 foi apresentado ao público em livros de bolso na década de 1950 com o romance *Casino Royale*, tornando-se um sucesso de venda e popularidade entre os britânicos e, logo a seguir, entre os países de língua inglesa. Na década seguinte, os livros viraram uma grande franquia no cinema, com um total de vinte e três filmes oficiais, começando com *O Satânico Dr. No*, em 1962.

O personagem principal do livro e conseqüentemente dos filmes é descrito como um homem alto, moreno, de olhar penetrante, viril, porte atlético e sedutor, com idade estimada entre 33 e 40 anos. Este personagem é apreciador de vodka-martini e exímio atirador com licença 00 para matar (sétimo agente desta categoria especial, daí seu código 007) e perito em artes marciais, que combatia o mal pelo mundo (muitas vezes representado

pela URSS naqueles tempos de Guerra Fria), a serviço do governo de Sua Majestade, com charme, elegância e cercado de belas mulheres, sempre se apresentando com a famosa frase: "*Meu nome é Bond, James Bond*".

O filme **007 – OPERAÇÃO SKYFALL**, tem direção de direção: Sam Mendes. Produção: Bárbara Broccoli. Intérpretes: Daniel Craig; Jude Dench; Xavier Barden; Ralph Fiennes; Naomie Harris e outros. Roteiro: Ian Fleming; Neal Purvis; Robert Wade e John Logan. Música: Adele. Londres: EON Productions, 2012. 1 DVD (02:23: 01.14) color. Produzido por: Fox Home Entertainment. É um filme britânico de 2012, o vigésimo terceiro filme da franquia cinematográfica de James Bond.

O filme começa em Istanbul capital da Turquia, onde os agentes James Bond (007) e Eve do MI6¹ estão em perseguição ao mercenário Patrice, que roubou um disco rígido de computador que contém detalhes de todos os agentes britânicos infiltrados. O agente 007 e o mercenário iniciam uma grande perseguição pela cidade, até que ambos caem sobre um trem em movimento, durante o confronto Patrice fere Bond no ombro. Eve recebe a ordem de M (que comanda o MI6) para atirar no mercenário mesmo correndo o risco de acertar Bond, ela atira e sem querer acerta o 007 permitindo que o mercenário escape. Bond cai dentro de um rio e é dado como morto. É pertinente ressaltar que, no filme toda a comunicação entre os agentes é on-line, ou seja, tecnológica.

Após a operação, M é convidada por Gareth Mallory, chefe do Comitê de Inteligência e Segurança, a se aposentar. Enquanto retorna da reunião, os computadores do MI6 são invadidos e M recebe uma aterrorizante mensagem através do computador antes de seu escritório explodir. O MI6 transfere provisoriamente seus escritórios para o subterrâneo. Bond, o qual todos julgam estar morto, está vivendo em uma praia afastada, onde passa os dias se divertindo com mulheres e muitas bebidas. Quando Bond assiste na televisão sobre o ataque ele volta para Londres. M aprova seu retorno ao campo mesmo ele tendo sido reprovado em seus exames físicos e psicológicos. Fragmentos de bala tirados do ombro de 007 ajudam a identificar o mercenário do início do

¹ O MI6 (oficialmente designado Secret Intelligence Service ou SIS) é o serviço britânico de informações encarregado de dirigir as atividades de espionagem britânica.

filme chamado Patrice; este está indo para Xangai, para executar um assassinato. Bond recebe ordens de identificar o contratante de Patrice, reaver o disco rígido roubado e matar o mercenário.

Depois de muita ação Bond chega a uma ilha onde é feito prisioneiro e levado até Raoul Silva, ex-agente do MI6 que trabalhou com M. Silva é o vilão que orquestrou os ataques ao MI6. Este é um ciberterrorista, um homem que domina a tecnologia e que opera através de uma extensão cibernética e não deseja estabelecer nenhum tipo de governo democrático ou ditadura mundial, só o que ele deseja é a sua colheita particular.

1.2 DESCRIÇÃO DAS CENAS 17, 18 E 19 DO FILME 007 – OPERAÇÃO SKYFALL

Será feita agora, a descrição literal e respectiva dos capítulos (cenas) 17, 18 e 19 do filme 007 – Operação Skyfall conforme a legenda apresentada no DVD utilizado. Considera-se que o conteúdo dos diálogos desenvolvidos nestas três cenas contém elementos importantes para que se possa estabelecer posteriormente como surgiu a atitude de agressividade dirigida a 007 e a M por parte de Silva. Além disso, estas cenas viabilizam interpretar livremente quais os lugares que as personagens ocupam neste filme a partir da visão psicanalítica. Por isso justifica-se a escolha de apenas essas três cenas e detrimento de todo o filme.

O capítulo (cena) 17 é um diálogo entre o vilão Silva e o agente 007, o qual neste momento está amarrado a uma cadeira. Justifica-se a escolha desta cena pela relevância das falas do vilão ao referir-se a manipulação que teriam sofrido tanto ele quanto o 007 pela M. Silva descreve uma M. manipuladora e má. Assim como se refere a 007 como um fraco, mas preferido por M.

Silva — Olá James. Seja bem-vindo. Gostou da Ilha? Minha avó tinha uma ilha. Nada para se vangloriar, dava-se uma volta nela em 1 hora. Mas, ainda assim era um paraíso para nós. Um verão, fomos fazer uma visita e descobrimos que o lugar estava infestado de ratos! Chegaram num barco de pesca e se alimentavam de cocos! Como se eliminam ratos de uma ilha? Minha avó me ensinou. Enterramos um barril, o deixamos semiaberto e prendemos um coco a tampa como isca. Aí eles vinham atrás do coco e caíam dentro dele.

Depois de um mês prendemos todos os ratos. Mas o que fazemos depois? Jogamos o barril no oceano? Incineramos? Não. Deixamos eles lá e eles começam a se sentir com fome e um a um começam a se devorar. Até que só restam dois. Os dois sobreviventes. E depois disso? Matamos eles? Não, pegamos eles e os soltamos nas árvores. Mas agora eles não comem mais coco. Agora eles só comem ratos, mudamos a natureza deles. Os dois sobreviventes. Foi nisso que *Ela* nos transformou.

007 — Eu fiz minhas próprias escolhas.

Silva — Você pensa que fez. *Ela* é genial.

007 — Estação H. acertei?

Silva — Hong Kong. De 86 a 97. Na época eu era o favorito dela. E você não é um agente tão bom como eu era. Eu posso garantir. Olha pra você. Não consegue viver sem suas pílulas, sem seus drinques.

007 — Não se esqueça de meu amor patético por meu país.

Silva — e você ainda se mantém fiel àquela senhora e ela só sabe mentir para você.

007 — Ela nunca mentiu para mim.

Silva — Não! Não!

Silva — Quantos pontos você fez na avaliação de tiro?

007 — 70.

Silva — Há há há! 40. Ela disse que o psicólogo liberou você para o serviço?

007 — Sim.

Silva — Não, não! Avaliação médica reprovado; avaliação física: reprovado, avaliação psicológica: detectado vício em álcool e mais substâncias. Rejeição patológica por autoridade provocada por trauma mal resolvido na infância. O indivíduo não está aprovado para trabalho em campo e deve ser suspenso imediatamente do serviço.

Silva — O que é isso além de traição? Ela mandou você atrás de mim sabendo que não está pronto, sabendo que você morrerá. A *mamãe* foi muito má! Vê o que ela fez com você?

007 — Bem, ela nunca me amarrou numa cadeira.

Silva — Azar o dela.

007 — Tudo isso é por causa da M?

Silva — É por *ela*, e por *você* e por *mim* também.

Nesta última fala do Silva pode-se apontar que tudo gira em torno das relações afetivas ocorridas entre eles tanto no passado quanto no presente.

No próximo capítulo (cena) 18, 007 é resgatado pelo MI6 e o ex-agente Silva é levado prisioneiro para a sede do MI6. Não há falas, somente imagens.

Na sequência, no capítulo (cena) 19 acontece o encontro entre Silva e M. Segue a descrição do diálogo:

Silva — Você está menor do que eu me lembro!

M — Eu mal consigo me lembrar de você.

Silva — Estranho, para mim parece que foi ontem. Está surpresa?

M — Não particularmente. Mas você sempre foi imprevisível.

Silva — Deve ser por isso que você gosta tanto de mim.

M — É tão convencido, isso é auto bajulação.

Silva — Não tem remorso. Do jeito que eu imaginava.

M — Profissional não tem remorso.

Silva — Há, há, há, há! “Profissional não tem remorso.” — Me prenderam durante cinco meses numa salinha sem ar. Torturaram-me muito. E eu protegi seus segredos, eu protegi você. Mas, me fizeram sofrer e sofrer e sofrer. Até que eu descobri que foi você que me traiu. Você me traiu. Então só me restava uma única coisa. A cápsula de cianeto que havia no meu molar esquerdo. Você se lembra, não é? Enfim eu quebrei o dente e mordi a capsula. E aquilo queimou tudo por dentro de mim. Mas eu não morri. A vida se prendeu a mim como uma doença. E aí eu entendi porque havia sobrevivido. É que eu precisava olhar nos olhos pela última vez.

M — Espero que tenha valido a pena. Sr. Silva irá para o presídio de Belmarsh onde será mantido em custódia até a promotoria considerar que o senhor deve ser jugado por...

Silva — Diga o meu nome. Diga meu verdadeiro nome, eu sei que você se lembra.

M. — O seu nome está na parede do memorial do prédio que você atacou. Eu tive que apagar. Em breve seu passado não existirá mais, assim como o seu futuro. Eu nunca mais o verei.

Silva — Tem ideia do efeito que causa cianeto de hidrogênio? Admire a sua obra mãe!

Aqui acaba o diálogo entre Silva e M e segue o relato do que ocorre na cena para que posteriormente se possa fazer a análise do diálogo.

No momento em que Silva pede a M para contemplar sua obra, ele retira uma prótese da boca e então exhibe o rosto todo deformado. M limita-se a sair da sala na companhia de 007 calada e sem esboçar nenhuma reação. Mais tarde ela diz a 007 o nome do ex-agente Silva:

— Thiago Rodriguez, um agente brilhante que havia traído o MI6. Este é o final da cena.

Nesta cena o vilão revela sua fidelidade para com M, ao mesmo tempo em que demonstra sua revolta por ter sido traído por ela. Mas no final a chama de mãe e mostra no que se transformou.

Na sequência do filme, com ajuda da tecnologia Silva acaba fugindo. Então, 007 compreende que Silva queria ser apanhado como parte de um plano para afrontar e matar M, a quem ele culpa por tê-lo abandonado em Hong Kong. Bond leva M até Skyfall na Escócia, propriedade de seus pais e onde cresceu antes de ficar órfão. E então ele, M e um antigo empregado de seus pais chamado Kincade se preparam e aguardam para enfrentar o vilão.

Depois de muitos tiros e explosões, M e Kincade fogem para uma capela. 007 também se dirige a capela porém é impedido por Silva e um dos seus homens. 007 e o capanga lutam dentro de um rio congelado, enquanto Silva se dirige a capela para matar M. Chegando lá Silva se desespera ao ver que M esta ferida, mas logo ele a abraça implorando para que ela mate a ambos com um único tiro.

Porém, o agente 007 aparece, arremessando uma faca nas costas de Silva, o vilão consegue virar e olhar para ele. Então James Bond diz:

— O último rato vive! Silva morre. E logo depois M também, ela desfalece nos braços de James Bond.

Termina aqui a parte do filme Skyfall que será utilizada para ilustrar a temática dos ciúmes.

Entretanto, o filme segue. Após o funeral de M, Eve a agente que no início do filme atira em Bond, se aposenta do serviço de campo e se torna a secretária do novo chefe do MI6: Mallory, que assume o nome de M. O novo diretor do MI6 entrega um relatório secreto a Bond, e diz ao mesmo, que ainda há muito há ser feito. Pode-se observar que o filme termina com Mallory

assumindo a função de M e com James Bond reintegrado na função do agente especial 007.

No próximo capítulo será feita uma contextualização do ciúme pelo olhar da psicanálise baseada em Freud, Lacan e outros autores, o qual serve de base para a construção do terceiro capítulo do presente trabalho.

2 O CIÚME PELO OLHAR DA PSICANÁLISE

Busca-se neste trabalho a realização de uma investigação acerca da questão do ciúme, uma vez que este está presente tanto na família quanto em todas as áreas onde se estabelecem laços sociais, logo, em toda a sociedade.

Para alcançar este objetivo, procura-se, na medida do possível a interpretação das cenas e das falas dos personagens principais do filme 007 – Operação Skyfall, descritas no capítulo anterior. Coloca-se na medida do possível, pois esta pesquisa não tem a intenção de determinar ou diagnosticar o ciúme como uma patologia presente no personagem Silva. A pretensão da pesquisa é utilizar o filme Skyfall como um instrumento para hipoteticamente ilustrar a presença e o tipo de ciúme presente entre os personagens.

A discussão desenvolve-se a partir de conceitos psicanalíticos, que serão a base para delinear: O que é o ciúme? E qual é o tipo de ciúme presente nas relações de afeto e agressividade entre o agente 007, o vilão Raoul Silva e a poderosa M, a chefe do MI6.

Nos primeiros escritos freudianos, os ciúmes estão relacionados a duas ascendências: os suscitados pelo nascimento de um irmão e os originários do complexo de Édipo. Em 1922 Freud escreveu o texto: “*Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranoia e no Homossexualismo*”.

Nas palavras de Freud:

O ciúme é um daqueles estados emocionais, como o luto, que podem ser descritos como normais. Se alguém parece não possuí-lo, justifica-se a inferência de que ele experimentou severa repressão e, conseqüentemente, desempenha um papel ainda maior em sua vida mental inconsciente. Os exemplos de ciúme anormalmente intenso encontrados no trabalho analítico revelam-se como constituídos de três camadas. As três camadas ou graus do ciúme podem ser descritas como ciúme (1) competitivo ou normal, (2) projetado, e (3) delirante. (1922, n.p).

Para Freud o ciúme normal se compõe de pesar e sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, e da ferida narcísica, na medida em que esta é distinguível da outra ferida, também de sentimentos de inimizade contra o rival bem-sucedido, e de maior ou menor quantidade de autocrítica, que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito. Apesar de normal, esse ciúme não é completamente racional ou derivado da

situação real e sob o controle completo do ego consciente. Pois, está profundamente enraizado no inconsciente, sendo uma continuação das primeiras manifestações da vida emocional da criança e originando-se do complexo de Édipo ou de irmão-e-irmã do primeiro período sexual.

Em certas pessoas, ele é experimentado bissexualmente, ou seja, um homem além de sofrer pela mulher que ama e odiar o homem seu rival, também sentirá aflição pelo homem, a quem ama inconscientemente, e ódio pela mulher, como sua rival.

Freud exemplifica:

Eu mesmo conheço um homem que sofria excessivamente durante suas crises de ciúme e que, conforme seu próprio relato sofria tormentos insuportáveis imaginando-se conscientemente na posição da mulher infiel. (1922, n.p.).

Tal homem era tomado pela sensação de impotência e as imagens que utilizava para descrever sua condição foram por ele atribuídas a impressões recebidas durante vários atos homossexuais de agressão que sofrera quando menino.

Para Freud, o ciúme projetado (segunda camada) deriva-se, tanto nos homens quanto nas mulheres, de sua própria infidelidade real na vida ou de impulsos no sentido dela que sucumbiram à repressão. A fidelidade, sobretudo no matrimônio, só se mantém em face de tentações sucessivas. E quando uma pessoa negar essas tentações em si própria sentirá, não obstante, sua pressão tão fortemente que ficará alegre em utilizar um mecanismo inconsciente para aliviar sua situação, para o mesmo autor, o sujeito:

Pode obter esse alívio – e, na verdade, a absolvição de sua consciência – se projetar seus próprios impulsos à infidelidade no companheiro a quem deve fidelidade. Esse forte motivo pode então fazer uso do material perceptivo que revela os impulsos inconscientes do mesmo tipo no companheiro e o sujeito pode justificar-se com a reflexão de o outro provavelmente não ser bem melhor que ele próprio. As convenções sociais avisadamente tomaram em consideração esse estado universal de coisas, concedendo certa amplitude ao anseio de atrair da mulher casada e à sede de conquistas do homem casado, na esperança de que essa inevitável tendência à infidelidade encontrasse assim uma válvula de segurança e se tornasse inócua. A convenção estabeleceu que nenhum dos parceiros pode responsabilizar o outro por essas pequenas excursões na direção da infidelidade e elas geralmente resultam no desejo

despertado pelo novo objeto encontrando satisfação em certo tipo de retorno à fidelidade ao objeto original. (1922, n.p).

Mas, uma pessoa ciumenta não reconhece essa convenção da tolerância; não acredita existirem coisas como interrupção ou retorno, nem crê que um flerte possa ser uma preservação contra a infidelidade real. O ciúme emergente de tal projeção possui efetivamente um caráter quase delirante, mas é ameno ao trabalho analítico de exposição das fantasias inconscientes da própria infidelidade do sujeito.

O ciúme da terceira camada, o tipo delirante verdadeiro, também tem sua origem em impulsos reprimidos no sentido da infidelidade, mas o objeto, nesses casos, é do mesmo sexo do sujeito,

o ciúme delirante é a sobra de um homossexualismo que cumpriu seu curso e corretamente toma sua posição entre as formas clássicas da paranóia. Como tentativa de defesa contra um forte impulso homossexual inconveniente, ele pode, no homem, ser descrito pela fórmula: 'Eu não o amo; é ela que o ama!' Num caso delirante podemos encontrar ciúmes relacionados às três camadas, nunca apenas à terceira. (FREUD, 1922, n.p.).

No caso dos paranoicos ciumentos e dos persecutórios, eles não projetam exteriormente para os outros, o que não desejam reconhecer em si próprios:

"Eles se deixam guiar por seu conhecimento do inconsciente e deslocam para as mentes inconscientes dos outros a atenção que afastaram da sua própria". Ficam a mercê do inconsciente (inconsciente a céu aberto). Os paranoicos não utilizam o mecanismo do recalque, e da projeção. Estão fundidos ao objeto, portanto não possuem a capacidade de expulsar, no caso a infidelidade, de si próprios e projetá-las no outro. "Podemos inferir que a inimizade vista nos outros pelo paranoico perseguido é o reflexo de seus próprios impulsos hostis contra eles. Sabendo que, no paranoico, é exatamente a pessoa mais amada de seu próprio sexo que se torna seu perseguidor, surge a questão de saber onde essa inversão de afeto se origina (FREUD, 1922, n.p).

A resposta está presente na ambivalência de sentimento que fornece-lhe a fonte e a não realização de sua reivindicação de amor, ou seja, como está fundido ao outro, é o próprio alvo de seu amor, ou de seu ódio.

Já para Lacan (2002, p.30) "o ciúme se origina antes do Complexo de Édipo, ele considera a origem do ciúme no desmame e na intrusão de outro, ou

seja, do irmão mais novo”. No texto sobre o “*Estádio do Espelho como Formador da Função do eu*”(1998, p. 96), Lacan discorre sobre a identificação à imagem do semelhante e no artigo, “*Os Complexos Familiares*” (2002), este outro já não é mais imagem e sim presença viva no irmão menor lactante, que envia o mais velho há um tempo anterior e já recalcado pelo desmame.

A figura desse irmão pode ser odiada ou pode ser objeto de identificação, enquanto garante um eu próprio pela diferença de posições. Por isso Lacan afirma que o irmão fornece o modelo arcaico do eu. Sendo a relação fraterna importante para o imaginário do sujeito, sobretudo no que ele denominou de ciúme infantil. Pois: “O eu se constitui ao mesmo tempo em que o outro no drama do ciúme” (LACAN, 2002, p.39). Além disso, se o ciúme não existe com a presença de um irmão, ele surgirá na fase adulta como solução de continuidade. Dessa forma não haverá uma posição identificatória, já que o surgimento do irmão não refletiu em um ciúme correspondente.

Mees (2009) em seu artigo “Sobre os Tipos de Ciúme”, afirma que podemos desmembrar o ciúme em obsessivo e histérico. Assim é possível tomar à relação de objeto *a* em cada neurose com a finalidade de descrever as peculiaridades do ciúme em cada uma delas.

O ciúme na neurose obsessiva coloca a mulher amada na posição de objeto perfeito, ela passa a ocupar o lugar do que falta ao Outro, que ele quer crer não castrado, para poder fugir de sua própria castração. Trata-se para o obsessivo de furtar o objeto *a* como marca da falta do Outro, ele supõe o Outro sem falhas, eliminando a existência do desejo, produtor de centelhas da falta. Para sustentar a mulher perfeita, o ciumento busca o controle e a posse do pequeno *a*, ou seja, uma forma de domínio sobre a falta. O ciúme assim busca o controle do outro, limitando seu desejo, sinal da idealização do sonho da plenitude e de domínio do objeto *a*, o que faz com que o sujeito ali goze, sem abandonar a desconfiança.

Para a mesma autora, o ciúme do neurótico obsessivo não é dirigido apenas a sua parceira ou um possível rival, pode ser de qualquer tipo de relação que esta venha a ter e que revele seu desejo. Por isso, os interesses da companheira podem ser recusados pelo obsessivo na mesma violência e intensidade que ele quer afirmar a presença da mulher ideal, mas também manipulável. As intensidades do ciúme sinalizam para uma tentativa da

constituição da não castrada, para a intensidade da identificação da parceira ao objeto *a*, ao mesmo tempo em que apontam o grau de anseio pela dominação deste objeto. Esses diferentes graus de intensidade possibilitam a colagem do sujeito ao objeto *a*, causando uma predisposição a passagem ao ato, produzindo a queda do objeto para a morte. A violência e os homicídios decorrentes do ciúme confirmam a ligação entre ciúme e morte e entre presença do objeto *a* e passagem ao ato.

A idealização da parceira para o neurótico obsessivo exige que nenhuma falta a impulsione em direção a um objeto, nem mesmo em direção a ele próprio, o que só aumenta o ciúme do obsessivo. Ele formula uma demanda impossível de ser respondida pela amada, ou seja, ser fiel sem desejar e sem desejá-lo. No entanto ele é sabedor do inconveniente de sua demanda impossível, por isso teme e deseja com veemência que o rival revele essa impossibilidade. Dividido sobre a castração, o obsessivo sonha em escapar dela, mas limitado a neurose almeja que o rival a restitua a seu lugar, restabelecendo o desejo e deflagrando que é só pelo desejo que uma relação se sustenta, mesmo que seja sem garantia de continuidade.

Para a mesma autora, o ciúme e a relação com a totalidade podem aparecer na busca por uma marca primeira e supostamente definitiva da inscrição do Outro, uma vez que este poderia ser satisfeito se não houvesse dúvidas sobre o que quer. Para o ciumento, essa marca pode ser aquela que é feita na mulher quando ela deixa de ser virgem. Com a impressão de que ser o primeiro parceiro sexual de uma mulher o faria se inscrever definitivamente nela, muitos obsessivos buscam uma virgem ou revelam sempre sua desilusão por ela não ser mais.

É como se não houvesse qualquer inscrição do desejo do outro no corpo intocado da mulher. Entretanto, a marca retorna na temida e desejada traição. Mas, a virgindade da parceira, quando o obsessivo a encontra, não garante que ele deixe de buscá-la, pois ele sabe que uma mulher nunca é completamente virgem, na medida em que todas já tiveram o *primeiro amor* pelo próprio pai, ou seja, o Outro está inscrito de modo indissipável. Conforme Mees (2009), na neurose histérica, não se trata de furtar o objeto a^2 , mas, sim,

² Objeto causa de desejo. (LACAN, 1962-1963), em O seminário, livro 10: a angústia.

de fazê-lo presente, para melhor questionar sobre o desejo. A histérica raramente encontra seu objeto, nunca declara *é esse mesmo* com certeza. Trata-se de encenar e problematizar o encontro faltoso com o pequeno *a*. O terceiro da cena aparece na histeria, como aquele que decodificou os enigmas do desejo.

Assim, na neurose histérica, o ciúme refere-se fortemente ao terceiro incluído na relação, ou seja, a outra mulher. A histérica idealiza mais a rival do que o próprio parceiro idealiza a amante. A outra sustenta para a histérica a pergunta: “O que quer uma mulher?”.

E parece que a rival tem a resposta. Escolhida como aquela que sabe sobre o feminino, a rival alvo de ciúme porta algum traço que a histérica que teme ser traída reconhece como desejável, embora amiúde desconheça o que seja. Assim, ela mantém a outra em seu lugar a fim de sustentar a pergunta sobre o objeto *a*, que atenderia ao desejo feminino.

Além disso, as mulheres se constituem como sujeitos ao elaborarem que a perda do amor (do pai) era indispensável. O primeiro homem amado as abandonou por outra. Mais tarde, quando seu parceiro revelar que guarda traços do pai, bem como através da reatualização da relação amorosa, o fantasma da perda do amor reviverá. O ciúme aqui será sinal do medo da perda do amor, o qual ronda a mulher a cada laço de amor e desejo. A histérica se mira na outra e reflete-se em seu homem. Parece-lhe que ele quer o que ela deseja, de modo que a histérica não se reconheça como desejante. Ela tenta governar os lugares, dirigindo o foco para o homem e se escudando por detrás da posição da outra: na histeria só há olhos para *A mulher*. (MEES, 2009, p. 43).

Para Mees (2009), no jogo dos lugares que a histérica quer questionar, a outra mulher torna-se amante de seu homem, e ela a espectadora, que poderia descobrir o objeto *a* que intermedia as relações, permite e interdita o laço com o Outro. Logo, o ciúme na histeria, produz-se a partir de seu próprio jogo, responsabilizando o homem por seu anseio de possuir a mulher que lhe interessa. A atração da histérica pela rival pode levá-la para diversos caminhos: desde empurrar o parceiro para a outra ou encontrar um amante para si mesma. Podendo ser tanto um homem como uma mulher, na procura do objeto de seu interesse.

Por fim, a ciumenta pode se deixar perpassar pela questão que seu ciúme lhe interpõe, e sustentar em si a indagação que exporta para a

outra: quais as condições para desejar? Será que uma mulher tem algo, ou é o que ela não possui que a torna atraente? É possível traçar algo da feminilidade se a falta é o que a caracteriza? (MEES, 2009, p. 44).

Em comum as neuroses obsessiva e histérica possuem os traços destacados por Freud apud Mees sobre o ciúme: elas firmam as bases na relação edípica e fraterna ou, mais exatamente, no fantasma que rege a relação do sujeito com o objeto; tomam o parceiro como depositário da indagação que lhes é própria (projeção). No fim, os ciumentos mesmo os neuróticos podem “enlouquecer” se vierem a colar o sujeito ao objeto (passagem ao ato), ou mesmo se o objeto for tão exterior a si próprio a ponto de parecerem retornar no real, perseguindo-os.

Na próxima seção será trabalhado o ciúme a partir do Complexo de Édipo e do Complexo Fraterno.

2.1 FREUD, O COMPLEXO DE ÉDIPO E O COMPLEXO FRATERNAL

Retorna-se a Freud para que se compreenda o que ocorre com as crianças pequenas nas suas relações com os pais e os irmãos mais jovens. Por isso traz-se uma definição do Complexo de Édipo como um:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais. [...] o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001 p. 77).

No texto “O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais” (1916 [1917], n.p), Freud afirma que o menino deseja a mãe para si mesmo, sentindo a presença do pai como um empecilho, se ressentindo quando o pai demonstra afeição pela mãe e mostrando-se satisfeito quando o pai está ausente. O homenzinho prometerá à sua mãe casar com ela, e terá atitudes emocionais contrárias (ambivalentes) pelo pai, ora irá amá-lo, ora irá odiá-lo. O comportamento do menino tem sua origem em motivos egoístas, pois a mãe satisfaz todas as necessidades da criança, o que torna interessante para a criança evitar que a mãe dispense cuidados a uma outra pessoa.

Nos estudos de Freud (1916 [1917]), logo ficará claro que o interesse egoísta da criança oferece uma base a qual a tendência erótica se une. Observa-se isto em atitudes do menino com relação a sua mãe, ele pode insistir em dormir ao seu lado, à noite, estar junto quando ela está se vestindo e até mesmo fazer tentativas reais de seduzi-la, tudo isso demonstra a natureza erótica da ligação do menino com a mãe.

Para Freud (1916 [1917]), se outras crianças surgem na cena edípica, o complexo de Édipo incorpora-se em um complexo de família (complexo fraterno). A partir do sentimento egoísta de ter sido lesado, a criança recebe os novos irmãos e irmãs com aversão, desejando que estes sejam extintos. A criança que perder seu lugar de ser único para a mãe, pela vinda de um irmão ou irmã, dificilmente poderá perdoar a mãe pela perda de seu lugar.

2.2 LACAN E OS COMPLEXOS FAMILIARES

Conforme Lacan em “*O Complexo, Fator Concreto da Psicologia Familiar*” (2002, p. 19) “é na ordem original de realidade que constituem as relações sociais, que é preciso olhar a família humana”. O complexo, para o autor, é dominado por fatores culturais: no seu conteúdo, representativo de um objeto; na sua forma, ligada a uma etapa vivida da objetivação; enfim na sua manifestação de carência objetiva, em relação a uma situação atual, isto é sob o seu triplo aspecto de relação de conhecimento, de forma de organização afetiva e de provação ao choque do real, o complexo compreende-se pela sua referência ao objeto. Ora, toda a identificação objetiva é comunicável, quer dizer repousa sobre um critério cultural; é também através de vias culturais que ela é na maior parte das vezes comunicada.

Partindo do complexo freudiano e da imago, Lacan assevera:

Definimos o complexo num sentido muito amplo que não exclui que o sujeito tenha consciência daquilo que representa. Mas é como fator essencialmente inconsciente que ele foi primeiramente definido por Freud.[...] Estes efeitos têm caracteres tão distintos e contingentes que forçam a admitir como elemento fundamental do complexo esta entidade paradoxal: uma representação inconsciente designada sob o nome de imago. Complexos e imago revolucionaram a psicologia e especialmente a da família que se revelou como o lugar de eleição dos complexos mais estáveis e mais típicos: de simples sujeito de

paráfrases moralizantes, a família tornou-se o objeto duma análise concreta. (LACAN, 2002, p 21-22).

Portanto, Lacan (2002, p. 22) defende que “os complexos desempenham um papel de organizadores no desenvolvimento psíquico; assim eles reprimem fenômenos que na consciência parecem mais associados a personalidade”. Por isso, seriam motivados no inconsciente não somente por justificações passionais, mas racionalizações objetiváveis. Sendo que o alcance da família como objeto e circunstância psíquica foi assim acentuado.

Este progresso teórico levou Lacan a dar uma fórmula generalizada do complexo, que admite incluir nele os fenômenos conscientes de estrutura semelhante. Então, são nos sentimentos que é preciso ver complexos emocionais conscientes, em particular os sentimentos familiares que são muitas vezes a imagem invertida de complexos inconscientes.

Para Lacan (2002, p. 22), “também são assim as crenças delirantes, onde o sujeito afirma um complexo como uma realidade objetiva”, o que podemos observar nas psicoses familiares. Logo, complexos, imagos, emoções e crenças vão ser estudados na sua relação com a família e no emprego do desenvolvimento psíquico que eles organizam desde a criança criada na família até ao adulto que a reproduz.

No texto “*O Complexo do Desmame*” (2002, p. 22-23) Lacan afirma que tal complexo “fixa no psiquismo a relação da alimentação sob o modo parasitário”, ou seja, de dependência dos primeiros meses de vida do homem. Sendo que este complexo representa a forma primordial da imago materna, sendo fundador dos sentimentos mais arcaicos e mais estáveis que ligam o indivíduo e a família. No homem a lactação vai além do biológico, ela é uma qualidade cultural que condiciona o desmame.

Lacan se refere ao desmame como uma crise do psiquismo:

Traumatizante ou não, o desmame deixa no psiquismo humano o rasto permanente da relação biológica que ele interrompe. Essa crise vital se duplica, com efeito, numa crise do psiquismo, a primeira sem dúvida cuja solução tem uma estrutura dialética. Pela primeira vez, parece, uma tensão vital se resolve em intenção mental. Por esta intenção, o desmame é aceite ou recusado; a intenção certamente é bastante elementar, uma vez que nem mesmo pode ser atribuída a um eu ainda no estado de rudimento; a aceitação ou a recusa não podem ser concebidas como uma escolha, uma vez que, na ausência de um eu que afirma ou nega, elas não são contraditórias; mas, polos

coexistentes e contrários, elas determinam uma atitude ambivalente por essência, ainda que uma delas prevaleça. (2002, p. 23-24).

Lacan (2002, p. 24) considera a “recusa do desmame” como fundadora da dimensão positiva do complexo, ou seja, a imagem da relação de amamentação que ele tende a restabelecer. “Esta imagem é dada em seu conteúdo pelas sensações próprias aos primeiros meses de vida, mas só tem forma na medida em que elas se organizam mentalmente”. Sendo este estado anterior ao aparecimento da forma do objeto, o autor conclui que estes conteúdos não podem se representar na consciência. Mas, reproduzem-se em estruturas mentais que modelam as experiências psíquicas seguintes. Serão reevocados por associação nas ocorrências destas, mas inseparáveis dos conteúdos que terão informado.

Lacan analisa esses conteúdos e formas:

O estudo do comportamento da primeira infância o mesmo autor observa que as sensações externo-, próprio- e interoceptivas ainda não estão, após o décimo segundo mês, suficientemente coordenadas para que seja concluído o reconhecimento do corpo próprio, nem correlativamente a noção do que lhe é exterior. Muito cedo, entretanto, certas sensações exteroceptivas se isolam esporadicamente em unidades de percepção. Esses elementos de objetos correspondem, como é de prever, aos primeiros interesses afetivos. Disso dão testemunho a precocidade e a eletividade das reações da criança à aproximação e da partida das pessoas que cuidam dela. (2002, p. 24-25).

Lacan (2002, p. 25) relata como um fato de estrutura, “a reação de interesse que a criança manifesta em frente do rosto humano: é muito precoce, surge desde os primeiros dias” e segue afirmando:

[...] Esse fato não pode ser destacado do progresso pelo qual o rosto humano assumirá todo o seu valor de expressão psíquica. Esse valor, por ser social, não pode ser tido por convencional. A potência reativada, muitas vezes sob um modo inefável, que a máscara humana assume nos conteúdos mentais das psicoses, parece dar testemunho do arcaísmo da sua significação. (2002, p. 25).

Pode-se pensar a partir de Lacan (2002, p. 25) “que as reações eletivas (eligidas; escolhidas) admitem imaginar na criança certo conhecimento muito precoce da presença que preenche a função maternal”, e o papel do traumatismo causal, que em certas neuroses e em certas inquietações de

carácter, pode desempenhar uma substituição da presença materna. Esse conhecimento continua inteiramente comprometido na satisfação das necessidades próprias à primeira idade e na ambivalência peculiar das relações mentais que aí aparecem. Essa satisfação surge com os sinais da maior perfeição que o desejo humano possa encontrar, mesmo que pouco se considere a criança ligada à mama.

Para o mesmo autor, as sensações proprioceptivas (a fusão oral) da sucção e da apreensão estabelecem a base desta ambivalência das experiências vividas, e predomina dessa situação que: “o ser que absorve é totalmente absorvido e o complexo arcaico responde-lhe no abraço materno”.

Com relação ao sentimento da maternidade o autor afirma ainda que:

Assim constituída, a imago do seio materno domina toda a vida do homem. Em razão de sua ambivalência, no entanto, ela pode conseguir se saturar no reviramento da situação que ela representa, o que só é realizado estritamente na ocasião da maternidade. No aleitamento, no abraço e na contemplação da criança, a mãe, ao mesmo tempo, recebe e satisfaz o mais primitivo de todos os desejos. Até a tolerância da dor do parto pode ser compreendida como o fato de uma compensação representativa do primeiro dos fenómenos afetivos que surge: a angústia, nascida com a vida. Apenas a imago que imprime no mais profundo do psiquismo o desmame congênito do homem, pode explicar a potência, a riqueza e duração do sentimento maternal. A realização desta imago na consciência assegura à mulher uma satisfação psíquica privilegiada, ao passo que seus efeitos na condutada da mãe preservam a criança do abandono que seria fatal para esta. (2002, p. 27-28).

Segundo Lacan (2002, p.28) esta relação orgânica explica que a imago da mãe esteja no centro do psiquismo e que a sua sublimação seja individualmente difícil como observa-se no caso da criança “agarrada às saias da mãe” e por vezes sem respeitar o tempo cronológico deste vínculo. A imago (materna) deve ser sublimada para que novas relações se estabeleçam com o grupo social, para que novos complexos as integrem no psiquismo. Na medida em que ela resiste a estas exigências que impulsionam o progresso da personalidade, a imago, de início salutar, torna-se num fator de morte.

Em “*O complexo da Intrusão*” (2002, p. 30) Lacan afirma que “este complexo, concebe a experiência que realiza o sujeito primitivo, quando ele vê um ou vários dos seus irmãos dividirem com ele a cena familiar”. Ou seja, quando ele se dá conta que tem irmãos. As condições disso serão variáveis,

devido as diferentes culturas e ao alcance que elas dão ao grupo doméstico, e pelas condições individuais. Também é importante o lugar que o acaso dá ao sujeito na ordem dos nascimentos, segundo a posição dinástica que irá ocupar. Esta posição vai colocar a criança, antes de todo o conflito na posição de abastado ou na posição de usurpador.

Lacan (2002, p.31) cita Santo Agostinho: “Vi [...], e observei uma [criança], cheia de inveja, que ainda não falava e já olhava, pálida, de rosto colérico, para o irmãozinho colação”. Para Lacan, crianças de seis meses a dois anos e meio confrontadas com seus irmãos agindo espontaneamente e sem a presença de adultos, nos fazem constatar reações diversas que pode manifestar uma comunicação por parte delas. Há uma certa adaptação entre os sujeitos, das posturas e dos gestos que os ordenam numa certa alternância em provocações e respostas.

Na medida mesma adaptação, pode-se admitir que, desde esse estágio se esboça o reconhecimento de um rival, ou seja, de um “outro” como objeto. Ora, se tal reação pode ser muito precoce, ela se mostra determinada por uma condição tão dominante que aparece como unívoca: a saber um limite que não pode ser ultrapassado na distância de idade entre os sujeitos. Esse limite se restringe a dois meses e meio no primeiro ano do período considerado e permanece estrito do mesmo modo ao se ampliar. (LACAN, 2002, p. 32).

No artigo “Uma Leitura dos Complexos Familiares”, Miller (1984, p. 13), afirma que no complexo de intrusão, Lacan retoma seu “Estádio do espelho”.

Lacan apud Miller (1984, p. 13) questiona quem é, nele, o objeto-imago? E responde afirmando que é o semelhante. Logo, na sociedade humana, o que aparece como traço essencial é o ciúme, “e a função do ciúme como modelo dos sentimentos sociais, o estágio do espelho, a competição e o acordo são dados como os vetores, o próprio motor da sociedade humana: competição com o rival e acordo com o igual”.

No complexo de intrusão se instaurou, algo da relação imaginária com o outro; ao mesmo tempo, veríamos também evocado, pela falta constatável, o conceito de Outro visando a fundamentar o acordo para além da competição. Observa-se aqui o eixo imaginário em contraponto ao eixo simbólico, como fórmula deste complexo. (LACAN apud MILLER, 1984).

No entanto, conforme Lacan (2002, p. 34), “o aparecimento do ciúme relacionado com a amamentação, deve ser interpretado prudentemente”. Pois, o ciúme pode manifestar-se nos casos em que o sujeito, depois de há muito tempo desmamado, não está em situação de concorrência vital em relação ao seu irmão. O fenômeno parece exigir como precedente uma certa identificação ao estado do irmão:

De resto, a doutrina analítica, caracterizando como sadomasoquista a tendência típica da libido neste mesmo estágio, sublinha certamente que a agressividade domina então a economia afetiva, mas também que ela é sempre conjuntamente sofrida e agida, quer dizer sustentada por uma identificação ao outro, objeto da violência. (2002, p. 34).

Lacan (2002, p. 34) segue a ideia de que “no mal-estar do desmame humano está a origem do desejo de morte”, e que encontraremos no masoquismo primário o momento dialético onde o sujeito assume pelos seus primeiros atos de jogo a reprodução deste próprio mal-estar e através dele, o sublima e o transpõe. Foi assim, que o Fort-Da mostrou-se para Freud: esta alegria da criança de rejeitar um objeto (a mãe) do campo do seu olhar, e depois, uma vez reencontrado o objeto, repetir a sua exclusão, significa bem que é o trágico do desmame que o sujeito se inflige de novo, tal como o sofreu, mas do qual triunfa agora que é ativo na sua reprodução.

O desdobramento disso no sujeito é a identificação ao irmão que permite sua conclusão: ela fornece a imagem que fixa um dos polos do masoquismo primário. E assim na visão lacaniana, a não violência do suicídio primordial gera a violência do trucidamento imaginário do irmão. Mas esta violência não tem relação com a luta pela vida. O objeto que a agressividade escolhe nos primitivos jogos da morte é, com efeito, um resíduo, biologicamente indiferente, pois, o sujeito abole-o de forma gratuita, de algum modo por prazer, e não faz mais que consumir assim a perda do objeto maternal. A imagem do irmão sendo amamentado só dá origem a uma agressão especial porque ela repete no sujeito a imago da situação maternal e com ela o desejo de morte.

Em “*Além do Princípio do Prazer*” (1920, n.p.) Freud refere-se ao Fort – Da, através da observação de seu neto. O menino era muito ligado à mãe, mas

tolerava sem choro as ausências da mesma. Nas ocasiões em que estava sem a presença da mãe, o menino tinha o costume de apanhar algum objeto que pudesse agarrar e o atirava para longe, para um canto, sob a cama. Ao fazer esse movimento emitia um longo e arrastado ‘o-o-o-ó’, seguido por demonstração de contentamento. Freud observa não ser somente uma interjeição, mas fantasiava a palavra alemã ‘fort’ (longe). Essa brincadeira era uma maneira de obter satisfação jogando o objeto para longe.

Em outro momento Freud (1920, n.p.) observa o neto utilizando dessa vez um carretel preso a um barbante, a criança joga o carretel para longe e o puxa de volta, cumprimentando o seu reaparecimento com um alegre “da” (perto). Por último Freud constata que a criança utiliza o mesmo “oooó” em relação a ela própria, em particular quando se faz desaparecer agachando-se mais baixo que o espelho onde vê sua imagem refletida. Freud sublinha que o jogo do “fort” (longe) basta para a criança por muito tempo e que esta reproduz esta cena mais frequentemente que a do reaparecimento. Para Freud a ausência da mãe tinha que ser encenada repetidamente antes do seu retorno, sendo este o verdadeiro propósito do jogo.

Primeiramente o menino estava numa situação *passiva*, era dominado pela experiência; repetindo-a, mas mesmo a experiência sendo desagradável, no jogo a criança assumia papel ativo. Interpretando de outra maneira Freud verifica que, jogar longe o objeto, mandá-lo ‘embora’, poderia satisfazer um impulso da criança, abolido na vida real, de vingar-se da mãe por afastar-se dela. Nesse caso, seria como se a criança mandasse a mãe embora por não precisar mais dela.

Deve-se observar que a separação da criança de uma figura de apego como a mãe e o pai pode causar ansiedade e para evitar essa separação a criança pode apelar para a raiva, para as lágrimas e para uma posição agressiva contra si mesma.

No próximo capítulo será abordada a questão da agressividade presente nas atitudes do personagem Silva.

3 SILVA, CIÚME E AGRESSIVIDADE

Como já referido no início desta pesquisa, para Freud: “o ciúme é um estado afetivo, descrito como normal e que desempenha um papel intenso na vida inconsciente do sujeito” (1922, n.p). Logo se compreende o ciúme como normal, quando se ama é natural que se sinta ciúme em algumas situações. O que não é normal é que o ciúme se transforme em um afeto que cause sofrimento tanto para aquele que sente, quanto para aquele que é objeto do ciúme, a ponto de causar a destruição a ambos.

Entretanto, se o ciúme é normal como afirma Freud, o que acontece com o personagem Silva em seus atos manifestos de pura agressividade no sentido de destruir 007 e M, mesmo que este demonstre lealdade a M como se ela fosse sua própria mãe?

Para responder esta questão recorre-se a Lacan (2002, p 22), como já foi explicado anteriormente: “complexos, imagos, emoções e crenças vão ser estudados na sua relação com a família e no emprego do desenvolvimento psíquico que eles organizam desde a criança criada na família até ao adulto que a reproduz”. Ou seja, o que foi vivido pela criança nos desdobramentos afetivos com a mãe, pai e irmãos é constitutivo do sujeito e fará parte da vida adulta do mesmo, o qual poderá durante a vida, vir a reproduzir esses afetos.

São nos sentimentos que se veem os complexos emocionais conscientes, em particular os sentimentos familiares que são muitas vezes a imagem invertida de complexos inconscientes. Se a família for vista como um modelo cultural torna-se possível para o sujeito que em um momento posterior a infância, na fase adulta, ele possa reproduzir afetos infantis em uma família não natural, mas eleita como se fosse (LACAN, 2002, p. 22).

Na cena 17 do filme 007 – Operação Skyfall, Silva verbaliza que em determinada época era o favorito de M, e que 007 não é um agente tão bom quanto ele foi. Diz ainda que M mandou 007 capturá-lo mesmo sabendo que este não está pronto, sabendo que 007 corre o risco de morrer.

Segundo Silva: — A *mamãe* foi muito má!

E ao ser questionado por 007 a respeito do motivo de tudo aquilo, Silva responde:

— É por *ela*, e por *você* e por *mim* também.

Através das falas de Silva interpreta-se hipoteticamente que o vilão poderia ter encontrado dentro do MI6 uma família culturalmente aceita por ele e comandada por M.Tudo estava bem, até que com a chegada de 007 ele deixa de ocupar o lugar de único para M, e posteriormente, como ele relata na cena 19, foi traído por ela e deixado na mão do inimigo para morrer. Mas, diferente dela, mesmo sofrendo meses de tortura, Silva não a traiu.

Momento no qual ele diz a ela: — Aprecie sua obra mamãe! Mostrando o rosto deformado pela cápsula de cianeto que ele mordeu para se suicidar.

Considerando que Silva poderia estar reproduzindo afetos infantis, relembra-se que para Freud (1916 [1917], n.p), “quando outras crianças aparecem na cena edípica, o complexo de Édipo incorpora-se em um complexo de família”. A criança se sente prejudicada pela chegada de um irmão mais novo, ela é desalojada de seu lugar junto à mãe (Silva se sente desalojado pela chegada de 007), a partir daí passa a desejar a eliminação do irmão tornando-se incapaz de perdoar a mãe pela perda de seu lugar de preferido.

Para compreender melhor esse sentimento de perda de lugar junto à mãe relembra-se Lacan (2002, p. 24) o qual considera a “recusa do desmame como fundadora da dimensão positiva do complexo, ou seja, a imago da relação de amamentação que ele tende a restabelecer”.

Esta imagem é dada em seu conteúdo pelas sensações dos primeiros meses de vida, mas só passa a ter forma na medida em que elas se organizam mentalmente. Por ser um estado anterior ao advento da forma do objeto, estes conteúdos não podem se representar na consciência. Mas, reproduzem-se em estruturas mentais que dão forma as experiências psíquicas seguintes. Sendo que depois da constituição do eu, serão reevocados por associação nas ocorrências destas experiências, mas inseparáveis dos conteúdos que as suscitaram.

De acordo com Lacan (2002, p. 25) “as reações eletivas³ admitem imaginar na criança certo conhecimento muito precoce da presença que preenche a função maternal”, ou seja, as expressões que o bebê tem frente ao rosto da mãe mostram que muito cedo ele já conhece ao Outro materno. E o reconhecimento é comprometido na satisfação das necessidades da primeira

³ Escolhidas pela criança.

idade e na ambivalência típica das relações mentais que aí aparecem. Essa satisfação surge como uma perfeição que o desejo humano supõe encontrar, mesmo que não se analise a criança ligada à mama.

Para Lacan (2002, p. 26), a fusão oral, o exercício da sucção e da apreensão estabelece a base desta ambivalência das experiências vividas, e prevalece dessa situação que: “o ser que absorve é totalmente absorvido e o complexo arcaico responde-lhe no abraço materno.” Esta relação orgânica coloca a imago da mãe no centro do psiquismo e a sua sublimação é individualmente difícil como se observa no caso da criança “agarrada às saias da mãe” mesmo quando já não é tão pequenina.

A imagem da mãe deve ser sublimada para que sobrevenham novas relações com o grupo social, para que novos complexos se integrem no psiquismo. Na medida em que a criança luta com estas exigências que estimulam a evolução da personalidade, a imago, de início salutar, torna-se um fator de morte. Observa-se que Silva mesmo tendo escapado do cativeiro, não consegue prosseguir sua vida, ele precisa voltar, apesar de ser adulto, permanece extremamente vinculado a M como se estivesse preso a imagem desta. O Complexo do Desmame marca uma perda, não apenas do alimento ou do seio, mas a perda da mãe. Quando a imago materna não é sublimada se converte em agressividade.

Conforme visto no capítulo anterior, em “*O complexo de Intrusão*” (2002, p. 30) Lacan afirma que “este complexo, concebe a experiência que realiza o sujeito primitivo, quando ele vê um ou vários dos seus irmãos dividirem com ele a cena familiar”. Ou seja, quando a criança se dá conta que tem irmãos, dependendo da ordem dos nascimentos, ela ocupará no conflito a posição de abastado ou a posição de usurpador. Observemos a posição do agente 007, que foi recebido e treinado por M em um momento posterior ao treinamento de Silva, observando que o sujeito atualiza experiências muito antigas, é possível que Silva possa ter atualizado a experiência arcaica de perder a mãe.

Conforme o mesmo autor, crianças de seis meses a dois anos e meio confrontadas com seus irmãos e agindo naturalmente na ausência de adultos, tem reações diversas que manifestam uma comunicação por parte delas. Há uma certa adaptação entre os sujeitos nas posturas e nos gestos que os

ordenam numa certa troca de provocações e respostas. Essa adaptação admite que desde esse estágio inicia-se o reconhecimento de um rival, de um outro como objeto. Então aparece o ciúme como traço essencial, e a função do ciúme como modelo dos sentimentos sociais: competição com o rival e acordo com o igual (devido às identificações). No complexo de intrusão há algo da relação imaginária com o outro; ao mesmo tempo é evocado, pela falta constatável, o conceito de Outro visando a fundamentar o acordo para além da competição. Observa-se aqui o eixo imaginário em contraponto ao eixo simbólico, como fórmula do Complexo de Intrusão.

Lacan (2002, p.34), quando se refere ao surgimento do ciúme relacionado com a amamentação, afirma que “é preciso ser prudente”. Uma vez que o ciúme pode aparecer em casos nos quais o sujeito já foi desmamado há muito tempo e já não está em concorrência vital com o irmão. No entanto, o fenômeno parece exigir como antecedente uma identificação ao estado do irmão. Considerando a tendência sadomasoquista da libido neste estágio, a agressividade domina a economia afetiva, mas ela é sofrida e agida ao mesmo tempo em que é sustentada por uma identificação ao outro, objeto de violência.

De acordo com Lacan (2002, p.34) “no mal-estar do desmame humano está a origem do desejo de morte”. Sendo no masoquismo primário o momento dialético onde o sujeito assume pelos seus primeiros atos de jogo a reprodução de seu próprio mal-estar e através dele, o sublima. Como no Fort-Da, onde a alegria da criança de rejeitar um objeto (a mãe) do campo do seu olhar, e depois de reencontrar o objeto, repetir a sua exclusão, mostra bem o que significa o cruel do desmame, que o sujeito se atribui novamente, da mesma maneira que o sofreu, mas do qual agora sai vencedor, pois agora ele é ativo na sua reprodução.

Supõe-se que Silva estivesse reproduzindo uma tendência sadomasoquista com relação a 007 e a M, pois há uma relação de identificação com James e de perda de objeto com M. Tanto ele quanto 007 são emocionalmente dependentes dela.

Segundo o próprio Silva, toda a agressividade: — *É por ela, por mim e por você também!* E — Os dois sobreviventes foi nisso que *ela* nos transformou!

Silva está em uma relação vital com o rival e seu triunfo depende da destruição deste. Quanto a M, ela é aquela que representa o objeto perdido, mas para sempre desejado. Mas, ao mesmo tempo em que através das atitudes ele agride, também é vítima dessa mesma agressão. Já com M, mesmo se sentindo traído evidencia-se que ele não pode sublimar a imago materna, não pode perdoá-la, mas também não foi capaz de deixar de amá-la. Observa-se aqui a ambivalência de sentimentos própria do complexo de Édipo. No entanto no seio do desmame paira o desejo de morte.

No caso de Silva esse desejo foi levado a termo, pois no final do filme ele e M morrem. Resta apenas um sobrevivente: Bond, James Bond, o 007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar faz-se algumas considerações, baseadas nos objetivos da pesquisa, de estudar o ciúme e mais precisamente o tipo de ciúme que pode ser considerado nas relações entre os personagens do filme: 007- Operação Skyfall, pelo viés da teoria psicanalítica.

Utilizar o cinema para atingir o objetivo deste trabalho foi um desafio. Mas, um desafio prazeroso, especialmente por se tratar de 007 Operação - Skyfall, cujo personagem James Bond (007) faz parte do imaginário de várias gerações. Quem não gostaria de ter a beleza, o charme e os demais atributos deste agente que tem licença para matar. Por isso, não deixa de ser, dentro de certa normalidade apontada por Freud natural que o ex - agente e agora vilão Silva tenha eligido ao 007 como objeto de ciúmes.

Este estudo viabilizou identificar brevemente algumas definições do ciúme na histeria, na neurose obsessiva, na paranoia e no homossexualismo. Mas, foi especialmente abordada a origem desse sentimento tão corriqueiro na infância, no contexto familiar, onde os pais têm grande importância na vida emocional da criança, e influenciam tanto os relacionamentos fraternais como os relacionamentos amorosos.

Inicialmente identificamos as várias formas de entender o ciúme, esse sentimento passível de várias formas de interpretação, citando o ciúme normal como sendo um sentimento de dedicação à pessoa amada. No entanto o ciúme pode ser tanto nobre quanto negativo, dependendo de sua intensidade, pode-se considerar patológico. Verificou-se que o ciúme é um sentimento capaz de suscitar outros afetos, como por exemplo, o amor, insegurança, ódio, inveja, baixa autoestima, e que desencadeia, reações atitudes reais e fantasias.

Apesar de ser normal, o ciúme tem uma origem inconsciente, e suas diferentes manifestações podem apontar dificuldades do ciumento em se relacionar com os parceiros amorosos, com os pais, com os irmãos e até com os amigos. Essas dificuldades podem decorrer da maneira como somos atingidos pelo ciúme na infância em relação com os nossos pais na problemática edípica, ou também com a chegada de um irmão como bem nos colocou Lacan, através do Complexo de Intrusão.

O ciúme pode originar uma ação agressiva à uma perda de amor e de lugar, que trás consigo uma sensação de insegurança. Isto é facilmente observável quando trazemos o personagem Silva como exemplo. Ele não consegue perdoar a M por ter colocado 007 em seu lugar, nem a 007 por ser o usurpador deste lugar. Frente a isso, sai de uma posição passiva para uma posição totalmente ativa e sádica tornando-se aquele que quer destruir o objeto a qualquer preço, às expensas de ser ele próprio destruído. Trata-se de uma agressividade que se dirige contra os outros assim como se dirige a si mesmo.

Pensa-se que trabalhos como este podem contribuir para a prática clínica, pois como já referido no início é uma queixa recorrente na clínica. Mesmo que este seja um trabalho que não se aprofunda em todas as formas pelas quais o ciúme pode se manifestar, este é um assunto que merece uma investigação mais ampla, pois se refere ao sofrimento do sujeito.

Acredita-se que através de um aprofundamento do sentimento do que significa o ciúme para o sujeito, a psicanálise através da escuta clínica e da associação livre possa sustentar tantos pacientes que sofrem as consequências de não suportar a insegurança da perda de lugar e de objeto.

Quanto ao tipo de ciúme que pode se encontrar no filme, ou melhor, dizendo, o motor que impulsionava Silva para a destruição, bem poderia ser um resultado do Complexo de Intrusão. No entanto, não se pretende fechar este trabalho com determinações ou diagnosticando Silva como um ciumento patológico. Pois, a intenção era desde o início levantar uma discussão e realizar uma pesquisa acerca deste sentimento de zelo que se apresenta umas vezes de forma positiva outras vezes negativa, utilizando o filme 007 – Operação Skyfall.

Além disso, o ciúme de Silva poderia ser paranoico ou homossexual. Mas isto já são formas de ciúme para serem exploradas em outra investigação.

REFERÊNCIAS

BOND, James. **O personagem**. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/James_Bond#O_personagem> Acesso em: 22 jul.2014.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro cinema. In: MASCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papirus, 2006.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer, 1920. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 1997. 2 CD-ROM. Não paginada.

_____. Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranoia e no Homossexualismo, 1922. **Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 1997. 2 CD-ROM. Não paginada.

_____. Conferências XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais (1916 - 1917). **Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVI, 1997. 2 CD-ROM. Não paginada.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LACAN, J. **O estágio do espelho**. Escritos. São Paulo: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Os complexos familiares**. Traduzido por Marco Antônio Coutinho Jorge; Potiguara Mendes da Silveira Júnior. São Paulo: Jorge Zahar, 2002. Tradução de: Les complexes familiaux dans la formaton de l'individu.

_____. **O Seminário**. Livro 10: a angústia, (1962 – 1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B.. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEES, Lúcia. Sobre os Tipos de Ciúmes. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre. N.37, jul/dez. 2009, p. 36-45

MILLER, Jaques-Alain. **Uma leitura dos complexos familiares**. Disponível em: <<http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/JAMLeitura.pdf>> Acesso em: 27 de agosto de 2014.

RIVERA T. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

SILVA, Néilton Dias da. **Fórum de cinema e psicanálise**. Rio de Janeiro, Tv Comunitária do Rio de Janeiro. 25 de fev. de 2014. Entrevista concedida a Olga Amália Soares Teles.